

## **DRAMATURGIA COLETIVA: TENSÕES DA LIBERDADE ARTÍSTICA NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO<sup>1</sup>**

Nícolas de Córdova Dorvalino<sup>2</sup>, Vicente Concilio<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Teatro e prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância”

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Teatro – CEART – Bolsista PROBIC

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – viconcilio@gmail.com

Com este resumo expandido pretendo registrar o processo pedagógico posto em prática no Centro de Internação Feminina (CIF), do Departamento de Administração Socioeducativa (DEASE), em Florianópolis, durante o primeiro semestre de 2022, sob orientação do professor Dr. Vicente Concilio, do Departamento de Artes Cênicas, da Udesc.

Após o período de levantamento bibliográfico e revisão dos materiais teóricos referente às práticas cênicas dentro de espaços de privação de liberdade, no ano passado durante o isolamento social, o projeto retornou às suas atividades presenciais. A pesquisa e a extensão se juntaram em objetivos comuns para pôr em prática as discussões a respeito dos dilemas da liberdade artística no Presídio Feminino de Florianópolis e no Centro de Internação Feminina. O orientador da pesquisa retomou as aulas com as mulheres internas no presídio, enquanto eu e as outras bolsistas do projeto, Helena Maia e Thaís Lima, desenvolvemos um trabalho no CIF, com as adolescentes privadas de liberdade.

As aulas iniciaram em março do ano de 2022, duas vezes por semana, num período de uma hora e meia, cada encontro. A princípio, com apenas uma ala, em que permaneciam todas as adolescentes. O projeto inicial se relacionava com nossa ideia de pensar o autoconhecimento por intermédio de textos literários que nos serviriam de impulso para a investigação cênica e para introduzir a escrita própria das meninas. Quando se efetivou nosso contato com elas, nossas escolhas se enveredaram para que os dispositivos de criação da cena viessem dos elementos que as adolescentes evocavam durante as aulas. Por esse motivo, deixamos de lado os textos literários escolhidos e partimos para outra proposta.

Pensamos em escrever com as adolescentes uma dramaturgia. Introduzimos a ideia a partir de uma música que elas nos ensinaram. Da música, selecionaram palavras, que foram escritas em um cartaz. As palavras dispostas no papel se tornaram demarcações de um mapa da história, uma vez que traçamos linhas de ligação entre uma e outra para formular a narrativa. Conforme a história ganhava forma, as adolescentes se empolgavam mais para dar continuidade à criação.

Devido algumas tensões de relação entre as adolescentes, o grupo foi dividido em duas alas e nosso tempo também foi dividido para atendermos as duas turmas no mesmo dia. Permanecemos com a mesma ideia. A escrita da dramaturgia acontecia nos momentos em que sentávamos para marcar no mapa a trajetória de uma guerreira que precisava voltar ao passado, a fim de recuperar sua filha, e também por meio de jogos de improvisação. Durante os jogos, as adolescentes seguiam as orientações do jogo para experimentarem a encenação da história criada e, além disso, pelas relações estabelecidas na cena complementavam ainda mais a narrativa, trazendo mais elementos para a história e complexificando a dramaturgia.

Essa dinâmica permaneceu funcionando pelos próximos meses em que permanecemos no CIF, sempre trabalhando junto delas de maneiras diversas de criação, que não eram restritas à escrita do texto, mas que partiam do corpo e das relações que estabeleciam entre si e a cena. Em certo momento, quando a história já tinha bastantes elementos, organizamos o primeiro esboço de dramaturgia e o levamos impresso, para que as adolescentes tivessem um pouco mais de dimensão de tudo que já tinham criado. Nesse encontro, ficamos muito animadas com nosso processo, ao ver a materialização de nossas criações e

a história que havia iniciado com uma música, tomando uma forma maior do que imaginávamos. Seguimos com a proposta até escrevermos uma dramaturgia completa e experimentarmos várias linguagens cênicas, a improvisação, as cirandas, os jogos e a roda.

Conforme a dramaturgia se tornava mais complexa e as discussões a respeito da vida e das escolhas da personagem da peça se acirravam, as adolescentes passaram a se identificar com muitas questões que a Guerreira passava na ficcionalidade da peça. Por meio das situações vividas pela personagem, faziam associações com suas próprias vidas. Em um momento da história, a Guerreira ficava congelada no tempo. Para elas, essa circunstância era relacionada com o que viviam privadas de suas liberdades, no Socioeducativo. O motivo do retorno ao passado — a Guerreira precisava resolver algumas pendências com pessoas que passaram por sua vida — também se parecia com as suas próprias experiências. Com essas pontes de contato entre a ficção e a realidade, as reações eram múltiplas: ora se chateavam, ora tiravam sarro; por vezes entravam em um estado de melancolia e se isolavam, em outras refletiam sobre isso. A nossa prática, porém, não tinha nenhuma intenção moralista de recuperação ou de “reforma” ética das adolescentes; embora as reflexões façam parte da prática artística e sejam, de fato, relevantes. Estávamos empenhados em fazer teatro, em abrir um espaço de experimentação artística e de tensionar a ideia de liberdade artística estando em um ambiente tão restritivo. As associações que faziam entre a história da Guerreira e suas próprias também as incentivava a continuar, diziam “Somos guerreiras, também, né? Olha o que a gente passou e o que estamos fazendo agora”.

Com a abertura de comunicação com que nos comprometemos, as adolescentes nos disseram que não tinham mais interesse em continuar com o texto da Jornada da Guerreira, já estavam satisfeitas com o caminho percorrido e queriam fazer outras coisas. Então, a fim de continuar a oficina com outros parâmetros, encerramos essa etapa ressaltando às adolescentes pontos marcantes do processo: a escrita de uma dramaturgia própria, a apropriação da linguagem teatral e o senso de grupo manifestado em nossos encontros. Com o fim do regimento da bolsa de pesquisa, me despedi das adolescentes. Porém, as duas outras oficinairas continuaram no CIF como voluntárias.

Além do trabalho no Sistema Socioeducativo, o projeto Teatro e Prisão têm se mantido ativo no que diz respeito à pesquisa e a extensão em sua área de atuação. Foi organizado um caderno de atividades, nomeado *Das Saídas que Moram nas Palavras*, que objetiva abrir um espaço de encontro acolhedor para autopercepção e autocuidado, além de possibilitar a expressão e criação artística de pessoas em situação de privação de liberdade. O caderno foi distribuído no Presídio Feminino de Florianópolis para que as internas tenham acesso a um material que impulse sua liberdade artística. O objetivo é que o caderno alcance outras instituições de vigilância, visando aproximar o direito de acesso à arte e à cultura às pessoas em conflito com a lei.

**Palavras-chave:** Sistema Socioeducativo. Teatro em espaços de privação de liberdade. Escrita de dramaturgia coletiva.